

Editorial

MEIA-VOLTA

Reportagem do domingo último aborda o problema das inundações na cidade, fenômeno que se repete em Belo Horizonte, nas últimas décadas, sem solução. Para a matéria, o jornal convidou dois especialistas para percorrer com a reportagem alguns pontos críticos da capital. Um dos lugares escolhidos foi a avenida Vilarinho, na região de Venda Nova, que cobre o córrego de mesmo nome. No fim do ano passado, a avenida inundou-se três vezes em 15 dias, causando grandes prejuízos materiais. Felizmente, não houve ali o registro de nenhuma morte. A Vilarinho não é o único ponto da cidade que é inundado sempre que ocorrem chuvas mais fortes. As avenidas Francisco Sá, no bairro Prado, Mem de Sá, no Santa Efigênia, e a Prudente de Moraes, no Cidade Jardim, são outros lugares de risco.

Depois, é claro, das avenidas dos Andradas e Contorno, nos pontos onde corre, sob elas, o ribeirão Arrudas, onde foi construído um bulevar. Segundo o advogado especialista em direito ambiental Bruno Albergaria, trata-se de uma bomba-relógio que vai explodir um dia.

A razão da tendência de cobrir córregos e ribeirões – porque rios é mais difícil – é a necessidade de dar vazão ao tráfego de veículos. Ela prosperou a partir dos anos 50, com a implantação da indústria automobilística. A partir daí, toda prioridade foi dada a esse transporte.

A opção acabou aumentando o índice de impermeabilização das cidades – causa principal das inundações, com a insuficiência das galerias pluviais, que também escoam os esgotos. A solução, então, foi aprofundar as calhas dos rios para que comportem maior volume de água.

Isso está sendo feito, por exemplo, no Arrudas, mas custa caro e demanda tempo. Segundo o ex-prefeito Marcio Lacerda, a cidade precisaria de R\$ 300 milhões por ano para fazer obras de prevenção de inundações. Sinal, talvez, de que seria aconselhável dar uma meia-volta.

Outras cidades do mundo mostraram que descobrir seus cursos d'água é não apenas possível, mas estrategicamente conveniente.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Marina Mediolí
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Milton Luiz (interino)
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A banalização da vida diante da cultura do abandono e da morte

Campinas, Manaus, Roraima... Viramos um país de desvalidos

O ano de 2017 expõe as visceras da cultura do abandono e da morte. E não sensibiliza! Os crimes misóginos que estão chamando de “chacina do revêllon” em Campinas (SP) são feminicídios, pois o motivo basilar do assassino Sidnei Ramis de Araújo, 46, técnico do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais, foi o ódio à ex-mulher Isamara Filier, 41 anos, técnica em contabilidade, que registrou seis BOs contra ele.

O Estado “alisou a cabeça” dele! O assassino foi acusado pela mãe de violência sexual contra o filho, o que a polícia não comprovou. Resultado? Foram mortas 12 pessoas pelo ex-marido de Isamara Filier, inclusive o filho dele, de 8 anos. Foram assassinadas nove mulheres e três homens, incluindo a criança! Total de 13 mortes, pois o assassino se suicidou em seguida. Todavia, deixou uma carta na qual revelava quem era: “Tenho raiva das vadias que se proliferam e muito a cada dia se beneficiando da lei vadia da pena!”

Em Manaus, no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, nos dias 1º e 2º passados, ocorreram 56 mortes e 112 fugas; e quatro mortes na Unidade Prisional do Puraquequara. Na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, em Roraima, na madrugada de 6 de janeiro, cerca de 33 presos foram mortos, a maioria decapitada! O governo brasileiro considera “acidentes” as duas chacinas.

Declarações de vários integrantes do governo federal chocam pelo “caralimpismo”, mas a mais grave é a desfaçatez de Bruno Moreira Santos, vulgo Bruno Júlio, presidente nacional da Juventude do PMDB, até então secretário

da Juventude de Temer: “Eu sou meio coxinha sobre isso. Sou filho de polícia, né? Tinha era que matar mais. Tinha que fazer uma chacina por semana”. Segundo várias publicações, ele responde a inquéritos sobre lesão corporal contra a ex-mulher e assédio sexual a uma ex-funcionária. Como, com tal “folha corrida”, chegou ao cargo?

Bruno Júlio é filho do Cabo Júlio, de Minas Gerais – líder da greve da PMMG em 1997 (governo Eduardo Azeredo); deputado federal eleito em 1998, reeleito em 2002, acusado de integrar o escân-

Mais grave é a desfaçatez do secretário da Juventude de Temer. Como chegou ao cargo? Bruno Júlio é filho do Cabo Júlio.

dalo dos sanguessugas; vereador em Belo Horizonte de 2009 a 2012. Atualmente, é deputado estadual. Bruno Júlio pediu demissão em 7.1.2016.

A secretária de Direitos Humanos Flávia Piovesan, que por anos foi musa dos direitos humanos no Brasil, mas jogou sua história de vida nas calendas gregas para compor o governo Temer, disse que “o Estado tem o dever de assegurar a integridade física, psíquica e moral dos presos, que só têm cerceada a liberdade, mas permanecem com o direito de terem suas vidas resguardadas. O que ocorreu em Manaus foi um desperdício evitável de vidas humanas... Houve omissão, além de uma política

pública desacertada, insuficiente e ineficaz para prevenir”. O chefe dela, o ministro da Justiça e Cidadania, Alexandre de Moraes, pensa diferente. Porém, presos estão sob guarda do Estado.

Aconteceu em Piracicaba (SP), no dia 5 passado: “Mãe de bebê achado em mala tem 11 anos e era estuprada pelo pai, diz polícia”; o pai da menina, de 36 anos, “é suspeito de ter engravidado a filha menor de idade”; e a mãe dela disse que fez o parto e seu marido “descartou o bebê em frente a uma chácara do bairro Itaperu por volta das 20h”. Não consigo imaginar uma menina de 11 anos grávida do pai, a mãe fazendo o parto, e o pai descartando o bebê, como se fosse um animal! Mas aconteceu. É animalidade ilimitada.

A naturalização da banalização de vidas concretas deu a tônica à chegada de 2017 no Brasil, lamentavelmente. Viramos um país de desvalidos.

